

## Esquerda, direita

José Edilson de Amorim\*

*“O aprofundamento da desigualdade no mundo contemporâneo apenas dá a medida do caminho que a esquerda somente começou a percorrer.”*

(Emir Sader)

As palavras acima - esquerda, direita - entram no delírio de Luís da Silva, em *Angústia*, de Graciliano Ramos, como repetida obsessão. Aparece como a imagem condensada da obediência no tempo do serviço militar obrigatório, e da sua condição de pau-mandado, seja como funcionário público submisso, como escritor de aluguel ou mesmo na condição de noivo iludido.<sup>1</sup>

Tais direções, índices históricos de conduta política, são hoje tratadas como anacronismos, embora os que assim falam mal encobrem o discurso de transigente complacência. Não era assim no tempo de Graciliano Ramos, pelo menos no período mais intenso de sua produção ficcional - os anos 30. A iminência fascista, a guerra imperialista e o autoritarismo ditatorial deixavam pouco espaço a um caráter de exigência ética como o do escritor alagoano. A situação impunha uma conduta ética ou cínica - de participação crítica ou de colaboracionismo subserviente. Os de direita queriam um estado forte, autoritário o bastante para garantir o poder de poucos e reprimir o direito de muitos; os de esquerda desejavam uma revolução social que democratizasse a participação política e melhorasse as condições de vida da maioria. Diferente dos estereótipos com que lograram recobrir tais categorias hoje, aquele momento históri-

---

\* José Edilson de Amorim é professor de Literatura Brasileira do Campus II, da UFPB campina Grande.

<sup>1</sup> SADER, Emir. *O anjo torto: esquerda (e direita) no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 178. Ver, por exemplo, a página 176 de *Angústia*. 18. ed., Rio, São Paulo: Record, 1978. As demais referências a este livro são desta mesma edição.

co impunha escolha, além dos riscos da adesão fácil e do apelo emocional e acrítico. Graciliano Ramos marcou o seu caminho. Sua escolha, no entanto, não foi uma opção peremptória; foi uma maneira de pensar e de agir construída na convivência crítica com as várias linguagens sociais e com as pessoas. Vejamos um pouco desta trajetória percorrendo a cronologia das cartas escritas por Graciliano a amigos e familiares. Depois veremos como a idéia de revolução está representada na ficção deste autor, atividade literária principal por ele desenvolvida no decênio de 30. É este o nosso objetivo aqui. Mas antes o testemunho afetivo das cartas.

As cartas de Graciliano vão além do propósito de toda correspondência pessoal - essencial, diga-se de passagem: vão além das “caligrafias do afeto”, compostas pelas mais variadas disposições emocionais. Sua correspondência perfaz uma cronologia de viva expectativa diante do mundo, de voraz curiosidade face aos acontecimentos históricos gerais, de discreta mas fundamental participação da vida política. Sobretudo uma cronologia de solidariedade e de compreensão programáticas no seu espaço de convivência. Repassemos um pouco dessa cronologia de aprendizagem, de formação e de intervenção crítica.<sup>2</sup>

Em 1914, começava a primeira Guerra Mundial, Graciliano Ramos tinha perto de 22 anos e morava em Palmeiras dos Índios, sertão de Alagoas. Em carta ao amigo J. Pinto da Mota Lima Filho informa ter começado a leitura de *O Capital*, entre outras obras da literatura mundial. Em julho do mesmo ano, manifesta simpatia por um russo com quem manteve interessada conversa sobre o movimento operário daquele país e sobre a Revolução de 1905. Em 1915, agora no Rio de Janeiro, trabalha como revisor de jornal, escreve ao pai e se mostra um sujeito atento aos “sinais das ruas”. Apesar da indisfarçada ironia com que procura impingir indiferença face à realidade partidária da república velha. A avaliação da realidade histórica e do comportamento político passa a ser uma preocupação sempre presente. E feita a partir do pormenor, dos fatos miúdos. De volta a Palmeira dos Índios, continua a escrever ao amigo, em nova carta atesta a impunidade de chefes locais; faz nova referência a Marx e ao comunismo e noticia a situação do sertão alagoano: “crises,

---

<sup>2</sup> Utilizamos RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 7. ed., Rio de Janeiro: Record, 1992.

revoltosos, bandos de criminosos pela vizinhança, praticando horrores, suicídios, assassinatos, o diabo.”<sup>3</sup>

A década de vinte termina com Graciliano prefeito. Da observação crítica passa à participação direta. Na nova situação não tem meias-medidas, faz uma administração moderna, austera e produtiva, de acordo com os recursos de que dispunha e das necessidades mais gerais. Ao prestar contas de sua administração, escreve dois relatórios ao governador do estado e *vira* escritor. Aliás, da mesma maneira que não tem meias-medidas também não tem meias palavras com relação ao processo que o elegeu. Em 1948 declara: “Assassinaram o meu antecessor. Escolheram-me por acaso. Fui eleito, naquele velho sistema das atas falsas, os defuntos votando (o sistema no Brasil anterior a 30), e fiquei vinte e sete meses na Prefeitura.” Claro que esta avaliação é feita bem posteriormente, com o devido distanciamento no tempo; mas esta circunstância não diminui sua exigência ética. No período mesmo em que era prefeito, não foi menos sincero nem menos impiedoso o juízo que fez da administração pública: “Para os cargos de administração municipal escolhem de preferência os imbecis e os gatunos. Eu, que não sou gatuno, que tenho na cabeça uns parafusos de menos, mas não sou imbecil, não dou para o ofício e qualquer dia renuncio.”<sup>4</sup>

Entramos nos anos 30. Graciliano Ramos reescreve *Caetés*, solicitado para publicação. Aparece indiferença e tranquilidade com relação aos desdobramentos das iniciativas tenentistas; mas não esconde a curiosidade e a leitura sobre a experiência soviética. Acompanha atentamente a consolidação deste regime, a polarização com o ocidente, acirrada com a derrota do movimento operário na Europa e conseqüente ascensão do nazi-fascismo. Deixa a prefeitura de Palmeira dos Índios e é nomeado diretor de Imprensa Oficial de Alagoas. Homem dos quadros do governo estadual de Alagoas, colabora até queda deste, com a vitória dos revolucionários de 30. Chega até a participar de débil iniciativa de

---

<sup>3</sup> Todas as cartas da edição acima estão numeradas. As referidas aqui são as de número 8,9,19,33 e 34.

<sup>4</sup> Depoimento a Homero Sena em “Revisão do modernismo”. *Graciliano Ramos*; coletânea organizada por Sônia Bryner. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.51. (Fortuna crítica, v. 2). Ver Ainda a carta de número 40, a Heloísa Ramos, então namorada do escritor.

resistência visando à sustentação do governo alagoano frente aos tenentes vitoriosos. Assim Graciliano avalia este episódio, tempos depois: “Chegamos ao quartel do 20º Batalhão. Estivera ali em 1930, envolvera-me estupidamente numa conspiração besta com um coronel, um major e um comandante de polícia, e vinte e quatro horas depois achava-me preso e só. Dezesseis cretinos do piquete de Agildo Barata haviam fingido querer fuzilar-me. Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado. Parecera-me então que a demagogia tenentista, aquele palavrório chocho, nos meteria no atoleiro.” Clara antevisão do que se tornaria a revolução tenentista, logo transformada na ditadura que sustentaria o Estado Novo por tantos anos.<sup>5</sup>

Graciliano Ramos demite-se do cargo de diretor da Imprensa Oficial. Em 31, responde a processo administrativo, forjado como retaliação, mas logo flagrado como inseqüência da revolução *redentora*. Logo depois, embrenha-se de novo em Palmeira dos Índios e vai escrever *São Bernardo*. Não esconde a expectativa com que acompanha as notícias da luta em São Paulo, em 1932, ao tempo em que lê economia política. Talvez até nutrisse esperanças de que a resistência paulista abalasse a retórica governista. Em 33, é nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas: “- disparate administrativo que nenhuma revolução poderia justificar.” É neste cargo que acompanha a radicalização direitista do regime de Vargas; avalia a iminência da segunda guerra mundial e sua catástrofe. Até que os fatos políticos levam Graciliano a uma posição de franco enfrentamento com estado autoritário.<sup>6</sup>

Com a derrota dos comunistas, em 35, a ditadura Vargas vai restringindo qualquer manifestação de liberdade. Sai, então, cortando cabeças a torto e a direito. Graciliano é exonerado do cargo e, meses depois, em março de 1936, é preso para somente ser solto em janeiro do ano seguinte. Após a prisão, experiência dolorosamente marcante, Graciliano Ramos segue o caminho que sobra ao intelectual participante - a resistência. Sua carreira literária sofre, a partir de então, todas as vicissitudes de uma conjuntura desfavorável à esquerda. Neste Campo,

---

<sup>5</sup> Cartas de número 42 e seguintes, do ano de 1930. A citação é de Memórias do Cárcere. 11. ed.; Rio, São Paulo: Record, 1978, p. 49.

<sup>6</sup> Conferir as cartas de 1930/32 e, ainda, a reprodução do depoimento publicado em *Leitura*, Rio de Janeiro, junho, 1943, em *Cartas*, p. 169.

a principal referência é o Partido Comunista, ao qual Graciliano se filia em 1945. E o escritor vai consolidando sua contribuição, sempre numa perspectiva revolucionária, concebida a revolução como processo de mudança que proporcione a apropriação coletiva dos bens produzidos pelos explorados. E sua ficção? Acompanha este seguro percurso, esta amadurecida percepção crítica em direção à via revolucionária? Veremos.

### *Um homem da ordem?*

*“Se o capitalista fosse um bruto, eu toleraria. Aflige-me é perceber nele uma inteligência, uma inteligência safada que aluga outras inteligências canalhas.”*

Graciliano Ramos

Desde cedo, Graciliano Ramos começou a viver uma experiência de tenso enfrentamento com a linguagem. A descoberta do mundo é paralela ao desejo de conhecer e dominar as formas escritas de representá-lo. Por isso mesmo é que ele combina à sua honestidade de caráter um rigor intransigente para com o uso da palavra, principalmente em se tratando da tarefa de escrever. O domínio da linguagem significa a melhor compreensão da realidade e, em conseqüência, maior honestidade no ato de pensar e recriar as coisas vividas. Esta experiência de formação pessoal será mais tarde contada em *Infância*, livro de 1945.

Desde muito cedo, em carta de 1915, ele demonstra não se deslumbrar pelo mundo cultural do Rio de Janeiro, denuncia a falta de seriedade da falsa intelectualidade carioca e sentencia: “Um tipo escreve um romance e vai, ele próprio, engrandecer, pelos jornais, o livro que escreveu. Muitas coisas más conseguem tornar-se boas assim.” Honestidade e inteligência são as cobranças constantes que Graciliano faz a quem escreve. Mais ainda, vê na atividade do escritor uma seriedade que poucos viam. Em rigorosa avaliação de suas próprias possibilidades de comerciante pobre, viúvo e cheio de filhos, escreve ao amigo J. Pinto, que lhe cobrara algum escrito para publicação: “Escrever, hoje, com a minha idade? Que pen-

sas de mim? Eu sou um homem de ordem e sou uma cavalgadura, meu velho. Mas uma cavalgadura completa, sem presunção de espécie alguma.” Mais do que honestidade e inteligência, o que evidentemente não é nada pouco, o futuro romancista, em 1921, já reivindicava mais uma qualidade para a atividade literária.

Claro que não era a idade que dificultava a tarefa a que o jovem Graciliano sempre se dedicou. Ele mesmo mostraria, na sua prática de escritor, que a maturidade é importante. E registra essa experiência ao opinar sobre um conto de Marili Ramos, sua irmã: “A literatura é uma horrível profissão, em que só podemos principiar tarde; indispensável muita observação. Precocidade em literatura é impossível: isto não é música, não temos gênios de dez anos.” Toda sua obra ficcional será escrita a partir de 30 (Caetés, composto e 26, será reescrito em 30) e sua produção memorialista a partir da década de 40. Claro também que ele não era um homem da ordem, tal qual a entendemos neste trabalho, ou seja, um homem que busca a manutenção da sociedade tal qual existia. Mas a insistência nessa auto-avaliação nos pede exame menos simplista. É que Graciliano, agora comerciante e prefeito de Palmeira dos Índios, apaixonado e às vésperas do segundo casamento, repete o julgamento de si mesmo, em carta à namorada Heloísa Ramos: “Quando me chamaste romântico, perguntei-te por brincadeira se não ias chamar-me também poeta. Pensarás acaso que eu, quitandeiro e homem de ordem, me entregue a ocupações tão censuráveis?”

Graciliano só podia, além de inteligência e honestidade, estar cobrando da literatura, no mínimo, o exame sincero da ordem a que dizia pertencer, instrumentos que somente poderiam forjar um texto contra essa mesma ordem. Não foi outra coisa o que fez Graciliano Ramos a vida toda. Além destes princípios, Graciliano sempre trabalhou com a convicção de que literatura é fruto da experiência vivida e da observação miúda. Com isso, conseguiu refletir sobre grandes temas e grandes problemas. Vamos à sua ficção.

Antes, porém, anotemos que a participação de Graciliano Ramos na vida cultural foi crescendo de importância na mesma medida de sua inserção na vida na política do país. Um fato decisivo contribuiu para sua projeção nacional, sua prisão em 1936. É claro que o valor da sua produção intelectual anterior a este período não pode ser medido por

este episódio. Antes ele já havia publicado *Caetés* e *São Bernardo* e acabara de escrever *Angústia*. Mas a prisão terá repercussão marcante na sua atividade posterior, enquanto escritor e enquanto militante político. Como militante, se aproxima cada vez mais da esquerda, vindo a se filiar ao Partido Comunista em 1945; como escritor, assume, por uma necessidade que vira convicção (e pelo inverso também), uma atitude cada vez mais profissional. Sobrevive de escrever. Em muitas de suas cartas posteriores à prisão, podemos ver Graciliano Ramos às voltas com textos que compõe para pagar a pensão em que mora, para saldar despesas do cotidiano. Sem repetir muitos casos, lembremos uma carta que ele envia ao filho Júnio, já em 1947, o que mostra quão parcos foram os ganhos com a profissão de escritor nos dez anos depois da prisão. Falando das dificuldades de venda dos seus livros, em particular, e do aperto por que passava a indústria editorial, informa que está escrevendo o livro de memórias da prisão (mais tarde *Memórias do Cárcere*): “Em desânimo, findei o primeiro volume da história que estou fazendo - trinta e três capítulos - e mergulhei no segundo. Suponho que terei as memórias prontas em três anos. Pedi este prazo ao editor, vou recebendo os direitos autorais mês a mês, isto é, vivo comendo os miolos.” De passagem, registremos que esse “tempo de vacas magras”, de que fala o escritor na mesma carta é exatamente o ano de cassação do registro do PCB, posto daí em diante na clandestinidade.<sup>7</sup> Agora, sim, vamos aos romances.

### *Caetés*

Este livro foi escrito em 1926, mas de existência desconhecida do público até 30, quando os relatórios do prefeito Graciliano Ramos despertaram a curiosidade de alguns intelectuais e do poeta e editor Augusto Schmidt, do Rio de Janeiro. É o primeiro romance do autor. Não se pode falar que a revolução, enquanto processo de mudança social pela via da transformação política, seja uma preocupação temática importante em *Caetés*. O livro é a história de João Valério, por ele mesmo contada. Trata de sua veleidade intelectual da juventude, com pretensão de radiografar a sociedade provinciana. Mas acaba revelando sua real

<sup>7</sup> Cartas de número 21, 22, 40, 110 e 111.

vocação: acumular influência social e garantir a tranqüilidade financeira. Torna-se comerciante, ambição que vai construindo ao longo da vida, e se integra agradavelmente à sociedade que pretendeu amesquinhar.

No entanto, há no livro um personagem digno de nota. Trata-se de Nicolau Varejão, contador de casos impossíveis; inventor de aventuras inverossímeis que teria vivido. Parece um narrador posto em atividade para ser negado, a contar pelos sentimentos dos seus ouvintes, que o estimulam pelo prazer da chacota. Um dos casos risíveis que conta é o da sua participação na guerra do Paraguai. Daí se envolve como ativo integrante do movimento dos “Dezoito do Forte”, primeira revolta tenentista, ocorrida em 1922, ano caracterizado desta maneira por este incorrigível narrador:

“- 1922 foi um ano safado, o princípio dessa encrenca de revolução. O tempo que passei no Rio...” (Caetés, p. 72).

Uma palavrinha nos chama a atenção nesta fala, é o termo *encrenca*. Nossa atenção se prende ao fato desta ser uma palavra do gosto de Graciliano Ramos, a contar pelo uso que faz dela nas mais variadas situações e em todo tipo de texto, da crônica às memórias, da crítica ao romance. Nas cartas familiares recorre quase sempre ao termo, usado em todos os sentidos que comporta - “coisa ou situação difícil, complicada, perigosa. Briga, desordem, conflito. Intriga, enredo.” (Sentidos dados pelo *Dicionário Aurélio*). Em fins de 30, mais precisamente entre setembro e novembro, Graciliano reescrevia *Angústia*. Em carta para sua mulher, Heloísa de Medeiros Ramos, datada de 26 de setembro, assim se refere ao trabalho penoso de reescritura: “Fiz um capítulo de vinte e cinco folhas e mandei uma carta ao Rômulo. Peça aos santos que esta encrenca termine daqui para novembro.” Claro que Graciliano se refere à coisa complicada de refazer um romance, de recompor um enredo, mas é claro também que não estava alheio à intriga política no país e, particularmente, à situação perigosa por que passava o Governador Álvaro Paes, de quem era colaborador, na qualidade de diretor da Imprensa Oficial. Nesta função, tem a difícil tarefa de redigir panfleto oficial tranqüilizando a população alagoana quanto ao perigo tenentista. Mas insistimos em que a palavrinha é presença constante na caracterização quase sempre irônica que o romancista faz da Revolução de 30.

Nicolau Varejão também parece brincar com a revolução de que fala. Apesar de mentiroso, porém, conta com a simpatia do narrador João Valério (“- Não sei, Padre Atanásio, respondi. Gosto dele. E tenho a impressão de que tudo aquilo é verdade.”) A mentira clara de Nicolau Varejão, ao se dizer integrante do movimento tenentista, e a impressão de verdade causada no sensato João Valério, assim juntas, só podem ser entendidas como ironia, como negação de um discurso que se pretendia sério. Aliás, no calor da hora, Graciliano Ramos caracteriza o processo revolucionário de trinta como uma encenação, avaliação que se cristalizará na sua compreensão, como se pode ler em trecho antes colocado do *Memórias do Cárcere*. Em 7 de outubro, com bem humorada ironia, aproxima *Caetés* da revolução, descarta esta e compara:

*“E demos um tiro nessa história de revolução, que não rende nada, e passemos a assunto mais interessante.*

*Apesar de andar com muito sono, mandei ontem ao Rômulo cinco capítulos dessa obra-prima que vai revolucionar o país. Isso é que vai ser uma revolução dos mil diabos, v. há de ver. As outras são revoluções de bobagem.”*

E a conclusão de 11 de outubro, antes dos acertos familiares, é magistral: “O pano desceu, está finda a peça. Eu, como tu sabes, não representei nenhum papel: sou miúdo demais.”

Já sabemos que Graciliano Ramos estava sendo modesto. Algum papel ele representou. Miúda foi a resistência que tentou; aguda foi a consciência crítica, a coragem e a capacidade de previsão do que seria o modelo centralizador de trinta.

Talvez tenhamos forjado relações muito frágeis entre a narrativa de *Caetés*, a percepção de revolução nele contida e a conjuntura vivida por seu autor. Talvez sejam aproximações rápidas demais. Mas nos compensamos da fragilidade, ao ler do próprio romancista: “São as minúcias que me prendem, fixo-me nelas, utilizo insignificâncias na demorada construção das minhas histórias.”<sup>8</sup>

<sup>8</sup> A citação inicial é de *Memórias do Cárcere*, vol. 1, p. 109. Conferir as cartas de número 44, 45 e 51. A citação de *Caetés* está à página 74 (capítulo 11). Ver também MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. 2.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. Especialmente os capítulos de 5 a 11 da primeira parte. Finalmente conferir *Memórias do Cárcere*, vol. 1, p. 226.

## São Bernardo

Começamos a falar do *São Bernardo* com o próprio Graciliano. Como já foi dito aqui, no período crítico da Revolução de 30, o escritor estava em Maceió, como diretor da Imprensa Oficial do estado: “Em consequência da bagunça revolucionária de 30, demiti-me - e no começo de 1932 arrastava-me de novo em Palmeira dos Índios, com vários filhos pequenos, sem ofício nem esperanças, enxergando em redor nuvens e sombras.”

“Nessa crítica situação voltou-me ao espírito o criminoso que em 1924 me havia afastado as inquietações - um tipo vermelho, cabeludo, violento, de mãos duras, sujas de terra como raízes, habituadas a esbofetear caboclos na lavoura.” Era a figura que deu origem a Paulo Honório. Exatamente no meio do romance, o escritor enfrentou uma complicada doença, uma inesperada operação e uma recuperação lenta. Mesmo assim o livro é concluído em 32.

Agora a narrativa. Quando Paulo Honório decide escrever seu romance, os fatos principais que vai contar já têm ocorrido. Logo na primeira página, declara ter perdido um colaborador que buscava para a tarefa: “Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos. Torceu-me a cara. E éramos amigos. Patriota. Está direito: cada qual tem as suas manias.”

Paulo Honório chama de *mania* a militância do Padre Silvestre no movimento de 30. Ironia ou julgamento severo demais, não é diferente da avaliação feita por Graciliano Ramos, seja nas cartas escritas à época do acontecimento, seja depois em *Memórias do Cárcere*. Após sua detenção em 1930, avalia com indisfarçada indignação a obra revolucionária: “Ali Estava o resultado: ladroagens, uma onda de burrice a inundar tudo, confusão, mal-entendidos, charlatanismo, energúmenos microcéfalos vestidos de verde a esgoelar-se em discursos imbecis, a semear delações.” Por aí se pauta também a opinião de Paulo Honório, pela ironia, pela indignação. A revolução contribuíra para estragar-lhe os negócios. Homem conservador, disposto a defender a ordem como estava, chega a enviar homens e armas para a resistência, em vão. Por outro lado, vejam que o Padre Silvestre é criticado à esquerda e à direita,

o que indica as modulações na representação ficcional da história política. Os amigos mais próximos consideram o padre um homem de pouca inteligência, e Padilha não esconde o desprezo pelo vigário, a quem não considera verdadeiro revolucionário.<sup>9</sup>

Acompanhemos a trajetória de Padilha. Herdeiro de propriedade em decadência, proprietário arruinado, incapaz para a administração. Foi assim que Paulo Honório encontrou Luís Padilha, quando decidiu se estabelecer em sua terra natal e adquirir as terras de São Bernardo. Padilha, ainda moço, se ocupava mais nos divertimentos da cidade que nos cuidados com a produção rural. A investida de Paulo Honório não encontrou muita resistência. Ousado e pragmático, acaba cercado Padilha, emprestando dinheiro mas lhe controlando os passos, até dar o bote final e lhe impor a compra da fazenda por um preço baixo. A *descida* de Luís Padilha é rápida; boêmio, em pouco tempo gasta o dinheiro da venda, ao se estabelecer de vez na cidade. Acaba indo trabalhar como empregado de Paulo Honório, outrora cabra do eito nas terras de seu pai. Não conseguindo ser doutor, como desejava o pai, termina ensinando aos meninos de São Bernardo, em escolinha de primeiras letras.

Em situação de fragilidade, pelo escorrego que deu na vida, denuncia seu estado submisso, vivendo vida acanhada, salário pouco e acomodação pobre. Mas no íntimo cultiva idéias de revolta, agarra uma compreensão do mundo e das relações sociais favoráveis à sua condição de trabalhador assalariado. Suas convicções não passam despercebidas a Paulo Honório, autoritário e atento ao que ocorria nos seus domínios. Assim diz de Padilha: “Era ateu e transformista. Depois que eu o havia desembaraçado da fazenda, manifestava idéias sanguinárias e pregava, cochichando, o extermínio dos burgueses.” (p. 50). Aos poucos, Padilha vai espalhando suas convicções entre os trabalhadores da fazenda, divulgando idéias socialistas, pregando contra o latifúndio e a propriedade privada da terra e de outros meios de produção. Tem um primeiro atrito com Paulo Honório, que o surpreende em conversas com outros empregados. Em situação desvantajosa, agarra-se ao emprego e se encolhe, evitando confronto.

---

<sup>9</sup> Ver RAMOS, Graciliano. “Os romancistas falam de seus personagens - Paulo Honório.” Em: *Jornal de Letras*. Rio de Janeiro, dez., 1945, p. 2 (Centro de Documentação Alexandre Eulálio - UNICAMP).

Até aí vivia isolado na fazenda, somente partilhando suas idéias, furtivamente, entre camponeses paupérrimos, de compreensão emperrada pela falta de instrução e pelo medo do patrão terrível. Não se entendia com o Padre Silvestre, um liberal interessado em salvar a república dos desvios tomados, um patriota segundo Paulo Honório. Mas é por este tempo que Paulo Honório se casa com Madalena, moça estudiosa, educada na capital, delicada e com senso humanitário. Padilha encontra nela sensível interlocutora, apesar das disposições iniciais de Madalena, que o considera um espírito inferior. E como Madalena era mulher do patrão, achava-se Padilha em confortável situação, ao perceber a ressonância de suas idéias junto à moça e a sua preocupação com o melhoramento da escola. Subterraneamente, Padilha vai divulgando suas convicções entre o povo de São Bernardo e, como se pode ver pela reação de Marciano aos gritos do patrão, à pagina 98, a pregação tinha alguma ressonância. Instala-se surdo enfrentamento entre ele e Paulo Honório, com temporária vantagem para este. O certo é que Padilha, percebendo a inoportunidade de confronto direto, finge fraqueza, espera a ocasião para a ruptura, e vai suportando o autoritarismo do patrão, mas pontuando sempre suas posições. Preocupa Paulo Honório, que se diz aborrecido com o professor: “- (...) Anda querendo botar socialismo na fazenda. Surpreendi-o dizendo besteiras. Não liguei importância, tanto que o conservei, mas, o caso bem pensado, talvez fosse melhor arranjar para ele outra colaboração, fora.” (p. 78).

Sobrevém um complicador inesperado que acirra os ânimos de Paulo Honório em relação a Padilha - seu exacerbado ciúme da mulher. Alguma afinidade se cria entre Padilha e Madalena, mas são despropositadas as suspeitas de Paulo Honório. Madalena e Padilha mantinham discussão acerca da conjuntura revolucionária e sobre a organização social. Mas Paulo Honório desconfia. Primeiro supõe mesmo um caso entre ambos, depois de descartado este pensamento, considera perigoso os dois andarem de conversa - Padilha sabia demais da vida de Paulo Honório e poderia, na obsessão deste, prejudicá-lo mais ainda junto à esposa, com revelações indesejáveis. Por isso Padilha passa a ser mantido à distância da casa, quase preso na escola, encurralado sob vigilância severa. Faz-se humilhar cada vez mais. É a essa altura que, após feia discussão com a mulher, Paulo Honório decide se livrar de Padilha e o despede. Antes,

porém, lembrando a humilhação e a opção do mestre-escola, o narrador refere o caso de um tal Jaqueira, assim resumido:

*“Jaqueira era um sujeito empambado, e os moleques, as quengas de pote e esteira, batiam nele. Jaqueira recebia as pancadas e resmungava:*

*- Um dia eu mato um peste.*

*Toda a gente dormia com a mulher do Jaqueira. Era só empurrar a porta. Se a mulher não abria logo, Jaqueira ia abrir, bocejando, ameaçando:*

*- Um dia eu mato um peste.*

*Matou. Escondeu-se por detrás de um pau e descarregou a lazarina bem no coração de um freguês. No júri, cortaram a cabeça por seis votos (patifaria). Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado, Nunca mais ninguém bulir com o Jaqueira.” (p. 131)*

Escorraçado, Padilha ainda negocia um prazo de permanência, sem dúvida estuda a conjuntura: “Um dia Azevedo Gondim trouxe boatos de revolução. O sul revoltado, o centro revoltado, o nordeste revoltado.” Padilha não deixa escapar a oportunidade: “- Padilha e Padre Silvestre incorporaram-se às tropas revolucionárias e conseguiram galões.” Paulo Honório avalia os prejuízos que a mudança pode trazer e computa, desolado, mas ainda confiante: “- O pior era Padilha ter seduzido uns dez ou doze caboclos bestas, que haviam entrado com ele no exército revolucionário. Voltariam.” (Capítulos 33 e 34). Pior mesmo é que Paulo Honório tinha razão. Padilha sai da narrativa e talvez tenha sido um destes comunistas anônimos, preso pela repressão que se segue à tomada do poder pelos tenentes; os caboclos, sem dúvida desarmados, talvez tenham ido engrossar a fileira dos deserdados sob a proteção de Getúlio, o “pai dos pobres”.

Padilha, Padre Silvestre e Madalena. São os três personagens que dão o tom do discurso revolucionário no romance de Graciliano Ramos. Há modulações entre as três visões. Cada um deles participa de modo diferente, quase certo como resultado da sua situação na sociedade a que pertencia. A posição social faz a participação que faz a percepção. O capítulo 24 pode ser um ponto de partida para a leitura destas posições. Fazia dois anos do casamento de Paulo Honório e Madalena. Alguns

amigos da cidade vieram jantar com o casal. Diante do *abismo* iminente anunciado pelo Padre Silvestre, a conversa ganha vivo interesse político, com todos demonstrando sua avaliação da conjuntura. Os três são pela revolução, mas o Padre Silvestre, representante da classe média liberal, ataca o comunismo usando ingênua difamação direitista contra a Rússia. Sem dúvida, seu liberalismo se contenta com *corrigir o rumo* do curso republicano, desviado por maus políticos. Seria, sem dúvida, um quadro da nova administração. Padilha vai além: com senso histórico mais agudo, percebe o perigo do fascismo, e afirma confiante que *teremos* o comunismo. Madalena conversa pouco, mas a contar pelas suas demandas, expostas, por exemplo, no capítulo 17, é por uma revolução enraizada no humanismo de base cristão, na qual o rico exerça a caridade, o patrão seja compreensivo e o governo garanta a previdência social. Madalena sai da história e da vida, não tem tempo para ver o que esperava. Pensando alegoricamente, sua idéia de revolução é o choque da sua vontade com o processo histórico real; como a personagem, esse vago ideal morreu mesmo antes da revolução real, que não se oporia a incorporar algumas de suas preocupações, sob a forma de benefícios trabalhistas rigorosamente controlados pelo estado.<sup>10</sup>

### *Angústia*

Luís da Silva, narrador de *Angústia*, não é um militante revolucionário. Do mesmo modo que Padilha, é também filho de proprietário rural arruinado; com a perda dos pais, vai se virando em ocupações menores para sobreviver pobremente. Termina na capital onde, mediante submissão, mentiras e pistolão, acaba funcionário público, com ordenado regular e minguado. Luís da Silva tinha instrução e completava as despesas escrevendo sob encomenda para políticos analfabetos - ocupação incerta e tediosa. Nutre visceral antipatia pelos burgueses. E esta predisposição o aproximava de figuras marginais, como o militante comunista Moisés, com quem discutia política e literatura.

Além de crítica e sentimentalmente contrário à burguesia, a

---

<sup>10</sup> Para um balanço do período de trinta e suas realizações, ve o livro: FAUSTO, Bóris. *A revolução de 30*. 11. ed., São Paulo: Brsiliense, 1987. Também o já citado trabalho de Emir Sader.

sensibilidade para os problemas sociais, embora o fragilizasse mais ainda, mantinha o seu contato com os acontecimentos históricos mais gerais, ele que era um homem arrastado pelo detalhe, pelas miudezas, pelo lado mais subterrâneo e obscuro das coisas. Da mesma maneira que ocorre com Padilha, um processo revolucionário também está no seu horizonte de expectativas e no de alguns poucos amigos. Isto ocorre num período histórico de intensa mobilização da esquerda contra o rumos que o governo vai impondo às reivindicações populares presentes desde a Revolução de 30. Estamos próximos de 1935, ano em que o livro é escrito.

Por suas disposições, suas opiniões são de rara agudeza em relação ao processo social; tem vontade de mudança mas duvida; quer mudança mas analisa e desconfia:

*“Acontecia aprovar agora e reprovar depois. Quando bebia, tornava-me loquaz e discordava de tudo, só por espírito de contradição:*

*- História! Esta porcaria não endireita. Revolução no Brasil! Conversa! Quem vai fazer revolução? Os operários? Espere por isso. Estão encolhidos, homem. E os camponeses votam com o governo, gostam do vigário.”(p. 46)*

Primor de avaliação, apesar de Luís da Silva dizer que suas opiniões são “fragmentadas, instáveis e numerosas;” e, pelo menos no plano da inteligência, é necessário considerar uma opinião assim, realista demais porque contrária à simpatia dos interlocutores. Se o Partido Comunista tivesse considerado um raciocínio de tal natureza, se estivesse mais voltado para nossa dinâmica interna, talvez a aventura de 35 tivesse ocorrido em outras condições. Talvez porque em Luís da Silva a vontade de mudança fosse temperada na medida pela observação da falta de seriedade que guiava o comportamento social. Comentando o discurso patrioteiro e provinciano de Julião Tavares, duplamente desafeto, por ser burguês e por lhe tomar a noiva, o narrador emite importante juízo sobre a farsa dos papéis sociais e sobre a honestidade das pessoas:

*“Se aquele patife tivesse chegado aqui naturalmente, eu não me zangaria. Se me tivesse encomendado e pago um artigo de elogio à firma Tavares e Cia., eu teria escrito o artigo. É isto. Pratiquei neste mundo muita safadeza. Para que dizer que não pratiquei*

*safadezas? Se eu as pratiquei! É melhor botar a trouxa abaixo e contar a história direito. Teria escrito o artigo e recebido o dinheiro. O que não achava certo era ouvir Julião Tavares todos os dias afirmar, em linguagem pulha, que o Brasil é um mundo, os poetas alagoanos uns poetas enormes e Tavares pai, chefe da firma Tavares e Cia., um talento notável, porque juntou dinheiro. Essas coisas a gente diz no jornal, e nenhuma pessoa medianamente sensata liga importância a elas. Mas na sala de jantar, fumando, de perna trançada, é uma vergonha. Francamente, é falta de vergonha.” (p. 48).*

Luís da Silva começa a odiar Julião Tavares, mesmo antes deste lhe tomar Marina. E o ódio vai crescendo ao ponto dele desejar uma revolução que transformasse Julião em operário, sofrendo no trabalho rude (p. 86); ou que o expatriasse, fuzilasse, enforcasse (p. 114). Aliás, esta preocupação ele tem consigo próprio, e se imagina ameaçado: “Está claro que não inspiro confiança aos trabalhadores.” Teme por sua ocupação, porque escreve textos para políticos desonestos e elogios ao governo (p. 113). E sabe ele que é o procedimento da retaliação o adotado pelos vitoriosos. Lembra dos muitos crimes praticados em nome da Revolução de 30, crimes que diz não poder revelar pelo fato de trabalhar em jornal do governo. (p. 90). Esta mesma oposição, entre Julião Tavares rico e Julião operário ou preso, se estende em expressivo quadro de contraste social vibrante, como algo instável entre quietude e explosão. Luís da Silva persegue Marina e Julião pela ruas de Maceió, ambos bem trajados e bem dispostos; na obsessão do protagonista, o casal toma-lhe toda a imaginação perturbada. Mas, por um momento, resume o seguinte quadro, atento aos “sinais da ruas”:<sup>11</sup>

“Julião Tavares e Marina tinham entrado no Livramento e lá iam juntinhos, esfregando-se. As cadeiras na calçada. Era necessário saltar no paralelepípedo. Um passo em falso, topada na sarjeta, e os corpos se chocavam. Diante da igreja, nos bancos da praça miúda, gente esquisita: homens sujos, mulheres sem companhia. E crianças abandonadas pelos cantos. Cochichos, palavões, descontentamento, frases incendiárias. Na

<sup>11</sup> A Expressão é de Marshall Berman, ao advertir a Perry Anderson: “Ler *O capital* não será suficiente se não soubermos ler também os sinais da rua.” (“Os sinais da rua: uma resposta a Perry Anderson”, em: *Presença* 9, fevereiro de 1987, p. 122/138.

calçada estreita da igreja as crianças abandonadas apinhavam-se. Automóveis parados, choferes adormecidos, vagabundos, exposição de prostitutas à entrada da Rua da Lama.” (p.92).

Luís da Silva *espera* uma reviravolta, uma mudança social. Basta ver como, nas alucinações provocadas pela idéia-fixa de matar o desafeto, o clima de revolta pessoal reflete fragmentos do clima de agitação social, num prenúncio da tentativa de tomada do poder pelos comunistas em 35 (pp.154, 155, por exemplo). Mas sabe que a sociedade é complexa, é constituída e pensada por várias mentalidades: desde a dele, intelectual de aluguel, escrevendo o que o dono do jornal manda, passando pela compreensão do guarda-civil pobre e submisso, que poderá, se mandado, atirar em sujeitos iguais a ele, até a concepção de Julião Tavares, “patriota e versejador” (p.151). Sabia também que os três são apenas exemplos de muitos da mesma situação social, vivendo e pensando de mil maneiras diferentes. Daí nasce seu ceticismo, da observação de como o cotidiano é vagaroso; de como as coisas obedecem a morosa regularidade. E indaga desanimado: “Que barulho, que revolução será capaz de perturbar esta serenidade?” (P.152) Se fosse um otimista, diria que seria o barulho subterrâneo mas crescente daqueles seres todos que ele vê pelas ruas, logo acima mencionados.

À página 156, acompanhamos Luís da Silva que segue Marina por um bairro pobre de Maceió. Marina vai à casa de uma parteira, estava grávida de Julião Tavares e tinha sido abandonada; decidira fazer o aborto. Sem ser visto, o protagonista se esgueira pelas ruelas de Maceió. No percurso, fixa uma imagem que não mais o largará pelo resto da narrativa: “As casas sujas, muito riscadas com letras a carvão profundamente revolucionárias.” Distingue uma pichação e comenta: “‘Proletários, univos.’ Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche.” Luís da Silva era rigoroso com a linguagem, notadamente com a escrita. Critica desse desarranjo e duvida da revolução que não cuida melhor as idéias. Logo depois Marina entra na casa procurada. O narrador entra numa bodega quase em frente, conversa com o bodegueiro, observa o movimento da rua, atento à fachada da casa aonde a ex-namorada entrara. Fixa-se em outra inscrição:

*“Na casa vizinha um dístico horrível tomava a parede toda. Letras grandes, letras pequenas, maiúsculas no meio das palavras. E linhas verticais, verdes, produzidas pela água da chuva, cortando a ameaça aos ricos.” (p. 159)*

Expressiva imagem, construção sintomática. O descuido denuncia a precariedade da sentença, a pressa e a desorganização. A imaturidade e, quem sabe, a inoportunidade da legenda parecem se expressar no fulminante corte produzido pela intervenção das linhas verdes, interpostas e vindo de sentido contrário. Talvez para que não esqueçamos de que *linha* é um termo familiar do jargão militar e, sobretudo, de que a intervenção das forças armadas contra as iniciativas populares é uma constante em nossa história política. No período representado na narrativa, a esquerda brasileira sofreu terrível golpe, com o fracasso da ação da ANL, em 1935, derivando daí intensa repressão às manifestações políticas das classes populares. Voltando a Luís da Silva, vemos que a “legenda medonha no muro cortado de listas verdes”(p.163) não o abandona, ele sai da venda, de vota da vigília a Marina, “decifrando a legenda revolucionária”, que os meninos do grupo escolar soletravam em difícil aprendizado. Parece um cerco implacável, um enfrentamento inevitável que impõe duas alternativas, sem explicações ou entendimentos, por isso a imagem do serviço militar volta sempre à lembrança de Luís da Silva, como delírio perturbador: “Ando meio adormecido, se alguém me gritasse: - ‘à direita, à esquerda’, volveria à direita, volveria à esquerda, sem procurar saber donde partia a ordem. Por que à direita? Por que à esquerda? Poderia ser meia volta.” (p.176)

Poderia ser meia-volta, mas esta alternativa não se realiza. E Luís da Silva não escapa ao cerco de ferro. Segue sua idéia-fixa de matar Julião Tavares, numa espécie de revolução particular dentro do quadro geral de revolta. Ninguém fica imune ao clima que se abate depois. A violência não resolve os problemas do narrador, talvez nem lhe tenha diminuído a angústia futura. O delírio final do romance mostra um homem atormentado - o que era uma promessa, um peso de que se livrar logo vira atmosfera de chumbo para o protagonista. E vira tempo nublado na primavera do camarada Moisés também, o ativo militante e amigo de Luís da Silva (lembramos de que as linhas verdes que interceptam o

desejo panfletário vieram do inverno). Da mesma maneira, a repressão se abate sobre todos, após 35, repressão a que não escapa o próprio Graciliano, preso em 36, em meio a uma conjuntura de retrocesso que garantirá a decretação do Estado Novo.

O clima soturno vira aprisionamento inexorável, no delírio de Luís da Silva. Quase no final, no seu quarto, a alucinação do personagem concretiza em imagens de fina penetração a mais aguda avaliação da conjuntura política, de mistura com a mais agônica análise do seu estado depressivo:

“As paredes cobriam-se de letreiros incendiários, de lágrimas pretas de piche. As letras moviam-se, deixavam espaços que eram preenchidos. Estava ali um tipógrafo emendando composição. E o piche corria, derramava-se no tijolo. Ameaças de greves, pedaços da Internacional. Um, dois... Impossível contar as legendas subversivas. Havia umas enormes, que iam de um ao outro lado do quarto; umas pequeninas, que torciam como cobras, arregalavam os olhinhos de cobras, mostravam a língua e chocalhavam a cauda. As letras tinham cara de gente e arregaçavam os beiços com ferocidade.” (p. 215,216).

Lágrimas de piche. Sofrimento, dor e aprisionamento: “As riscas de piche cruzavam-se, formavam grades.” Apesar disso, Luís da Silva não sucumbe, já sabemos desde o início do livro que ele se levanta e volta ao trabalho. Não deixa de ser uma esperança, se levarmos em conta o otimismo do camarada Moisés, mesmo estando preso, muito provavelmente. Quem sabe Moisés aprenderá a ouvir o “pessimismo da inteligência” do amigo, ele, um “otimista da vontade”.<sup>12</sup>

### *Vidas Secas*

Graciliano Ramos era um homem muito lido, desde cedo se dedicara

---

<sup>12</sup> Em *Memórias do Cárcere*, à página 81, capítulo 9, há rigorosa análise política da iniciativa de 35, sua imaturidade e inoportunidade. Visão muitíssimo parecida com as opiniões de Luís da Silva. As expressões entre aspas foram retiradas do texto “Tempos futuros” de Zenir Campos Reis, em: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* n. 35. São Paulo, 1993, pp. 69/93: “O resultado é aquela esperança esclarecida, “a docta spes”, de que fala Ernest Bloch, na feliz síntese de Romain Rolland, transformada por Antonio Gramsci em palavra de ordem: “Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade.”

aos livros e à reflexão crítica. Acompanhou atento e desconfiado as novidades culturais, principalmente as reviravoltas na literatura, com a algazarra dos modernistas de São Paulo. No início dos anos 30, participou da vida literária em Maceió e viu bem próximo irem surgindo livros sobre o Nordeste, numa resposta regional ao apelo modernista. Privou da amizade de Jorge Amado e de Rachel de Queiroz. Os livros que iam falando deste espaço apareciam com a marca do sertão, da seca, da exploração e do abandono sociais. Graciliano Ramos produz seus três primeiros romances sem fixar como centro da narrativa o sertanejo pobre. Todos eles, referidos à realidade local, se debatem em torno da consciência e da linguagem. Situam-se todos num universo de pequenos intelectuais mais ou menos provincianos. Até então não lhe tenta o apelo à chamada *cor local*, que jamais praticou, a bem da verdade. Parece que lhe faltava a experiência mais próxima da condição mínima e precária do indivíduo pobre. E literatura para ele nasce da experiência mais tangível.

Em março de 1936, Graciliano Ramos vai rodando, num vagão de trem, de Maceió para Recife. É levado preso. Quando vai chegando, vai observando os mocambos e se lembra do amigo José Lins do Rego, do *Moleque Ricardo*. Admira-lhe a capacidade de imaginação, para quem era *acusado* de apenas memorialista: “Que entendia ele de meninos nascidos e criados na lama e na miséria, ele, filho de proprietários? Contudo a narração tinha verossimilhança. Eu seria incapaz de semelhante proeza: só me abalano a expor a coisa observada e sentida.” Sem dúvida, é por essa exigência que se declara de novo incapaz de utilizar como personagens centrais camponeses pobres, apesar de sertanejo. Somente faria isto depois da dramática experiência da prisão, depois de “viver com esses homens na cadeia, dormindo nas esteiras podres e dividindo fraternalmente os percevejos”, como afirma em trecho que reflete a gênese de *Vidas Secas*.<sup>13</sup>

O livro começou a ser escrito pela história de Baleia, uma cachorra magrela que acaba com os quartos caídos, alvejados por Fabiano, ao desconfiar de raiva no animal. Baleia é condenada sumariamente. De nada valera sua curta mas solidária vida ao lado da família de retirantes.

---

<sup>13</sup> Ver *Memórias do Cárcere*, vol. 1, p. 60. Citação retirada do estudo já citado de Zenir Campos Reis. (Não conseguimos localizar o trecho em *Viagem*, conforme aí indicado).

A presença de Baleia e de outros bichos nos leva a pensar no relacionamento entre os seres vivos, preocupação principal do romance. Antes falemos do relacionamento entre os homens. O grupo que se move na narrativa é muito miúdo, o mundo deles muito pequeno, poucas as suas relações com outras pessoas e restritas suas incursões por outros espaços sociais fora da família pobre. Depois da fuga, a família ocupa uma fazenda abandonada, e começa a se organizar passada a estiagem. Fabiano reflete, olha para si mesmo e se diz um homem, orgulhoso e satisfeito. Mas ato contínuo suspende a emoção, meio envergonhado. Como nada possui, é um alugado e se diz apenas um cabra, decepcionado, com raiva até. Logo em seguida, corrige o pensamento afirma a si mesmo que é um bicho, mas isso não é ruim. Ao contrário, sente-se um bicho que superou imensas dificuldades, como Baleia, como um tatu; e é a partir dessa situação que ele espera melhorar: “Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria um homem.” (p.26). Com bastante lucidez, Fabiano percebe os dois termos fundamentais para a avaliação que faz de si mesmo - sua capacidade de enfrentamento, à qual se soma a convivência solidária com o pequeno grupo e suas possibilidades de relacionamento, minguadas pela contingência de trabalhar para os outros, sem posses, portanto.

E são justamente essas possibilidades que se vão diminuindo para o trabalhador sem posses. Vejamos como se sai Fabiano em suas poucas incursões. Por três vezes ele vai à cidade e se dá mal. Na feira, acaba insultado e preso pelo soldado amarelo; na festa, não se sente melhor que da vez anterior, é uma festa hostil; na casa do patrão, é descaradamente roubado. Que experiência resta dessa busca que Fabiano e sua família fazem para se relacionarem? O que eles aprendem no contato com a sociedade mais ampla? Quando Fabiano apanha, na cadeia, tem vontade de se vingar, pensa em entrar no cangaço, compara o soldado amarelo com um cangaceiro e conclui, com satisfação, que o soldado é fraco e covarde, não dá nem um caldo. Esta comparação vantajosa o persegue algum tempo. O cangaço pode até ser um termo que aplaca a raiva e o ressentimento, mas não resolve a tensão entre Fabiano e o poder que o cerca. Por isto, ele nem vai ser cangaceiro nem se vinga, mesmo tendo rara oportunidade, ao encontrar o soldado em situação vantajosa. Primeiro, vai analisando e adquirindo a consciência de que o

cangaço não resolve o seu problema e o da sua família. Fabiano vai passando da indignação ao sentimento de solidariedade, além da plena consciência de que o soldado amarelo é uma peça de um poder maior, o governo e outros donos: “O soldado amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaceiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. Não ficaria um para semente. Era a idéia que lhe fervia na cabeça. Mas havia a mulher, havia os meninos, havia a cachorrinha.” E a solidariedade é a diferença num mundo com poucas possibilidades, conforme reflete Fabiano, mesmo considerando a vida que leva um enorme peso ( ver página 40).

Como dissemos, a festa é hostil. Aliás, no capítulo da festa Fabiano mistura, no seu incômodo, a cena da prisão e o roubo do patrão. Toda a cena da festa é um desconforto só: os pés esfolados, o corpo terrivelmente apertado, contido pela roupa e opresso pela multidão que se comprime na igreja. Esta, por sinal, lhe é quase indiferente, não há qualquer comoção mística em Fabiano, durante o tempo em que passa na missa. Na rua, a cachaça ruim, os impropérios despropositados, o sono precário e o sonho horrível. Nenhuma pessoa amiga, nenhum gesto fraterno, nenhum clima ecumênico é registrado pela percepção de Fabiano. Seu desconforto se reproduz, com alguma diferença, no espírito de Sinha Vitória e dos meninos, para quem os pais diminuem diante das muitas pessoas e o mundo tem coisas demais. Nem Baleia escapa ao ambiente agressivo, até o cheiro de fumaça lhe faz mal. A festa não é uma festa: a igreja não conforta, a rua não diverte.

Da primeira vez que vai à casa do patrão, não consegue fechar o negócio da partilha, desconfia de que está sendo roubado e vai consultar a mulher. Volta depois, tem a certeza do roubo, fica bravo mas logo reconhece seus limites. Os homens têm leis demais, uma linguagem arranjada para explorar os outros. Não há honestidade e clareza no tratamento entre as pessoas, seja o patrão, seja o fiscal da prefeitura. O mundo foi feito para uns mandarem e outros obedecerem. O que fica daí? Fabiano sai com a convicção de que o mundo assim é insuportável. Tem consciência da exploração. E as figuras insuportáveis lhe acompanham a marcha penosa de nova retirada (capítulo final).

Pensa em mudar, deseja poder fazê-lo, logo que se sente logrado

pelo proprietário (capítulo “Contas”). E o sonho final é promessa é dúvida, utopia e ceticismo. O sul aponta o desejo, a cidade grande atrai, mas são coisas imprecisas e distantes.

Pensando assim, o que relaciona o romance *Vidas Secas* com o tema que estamos discutindo? O que conecta estes personagens quase isolados com o tema da revolução? Nada em particular, cremos, mas um conjunto que perfaz a narrativa. A começar pela perspectiva do narrador: Fabiano não é um pequeno-burguês com veleidades intelectuais, como João Valério; não é o proprietário em desarranjo afetivo igual a Paulo Honário; tampouco vive o clima da discussão nos bares e nos jornais da capital, como ocorre a Luís da Silva. Daí talvez a recusa de Graciliano Ramos em compor a narrativa em primeira pessoa, conforme fizera aos demais livros. Agora temos um narrador de terceira pessoa, porém com uma honestidade impressionante ao refletir o pensamento dos seres que põe a pensar, o que não ocorreria sem a corajosa adesão à perspectiva dos personagens. E isto sem o fácil apelo ao mítico, ao piegas, ao sentimento postiço ou ao folclore localista. Desta opção, ressalta a solidariedade do grupo mesmo no limite da precariedade material, num mundo dos mais hostis; ressalta a análise da exploração brutal pelo roubo, ou seja, pela apropriação privada do esforço coletivo; e, finalmente, o desejo de mudança e a constatação dos limites impostos. A mudança é penosa e não chega pronta, por isso mesmo é que o grupo de camponeses pobres não espera nem desespera: deseja, caminha e busca.<sup>14</sup>

### *Epilogo*

Entre os contos de Graciliano Ramos, há um que coloca o tema da revolução de forma central, como *agente* da trama mesmo, é o conto “A prisão de J. Carmo Gomes.” O texto cobre quase uma década inteira, os anos trinta, período em que Graciliano Ramos, como se pode comprovar no início desse trabalho, passou de prefeito do interior a escritor de reconhecimento nacional; de homem de governo a preso político. Período em que o escritor produziu toda sua ficção, à exceção, talvez, de alguns

<sup>14</sup> As idéias aqui desenvolvidas foram inspiradas especialmente nos ensaios “Tempos futuros”, acima referido, e “Céu, inferno”, de Alfredo Bosi. Este último publicado no livro *Céu, Inferno* (ensaios de crítica literária e ideológica). São Paulo: Ática, 1988.

contos de *Insônia*. Em *Memórias do Cárcere*, o autor expõe sua percepção do mundo, sua visão da sociedade e faz um balanço da sua experiência política; no conto que focalizamos, é feito o balanço político de uma década, pelo repasse dos fatos mais marcantes e sua repercussão na vida dos indivíduos neles envolvidos.<sup>15</sup>

Perto de rebentar a Revolução de 30, o Major Carmo Gomes, provavelmente da velha tradição militar republicana, morre e deixa sozinhos uma filha insegura, candidata a solteirona, e um filho que aprendia a atividade política como militante de esquerda. As atividades de J. Carmo Gomes, misteriosas e sem importância, a princípio, para o pai e a irmã, se dividem entre a leitura e a escrita, alternadas por ausências inexplicáveis para os familiares. Aquela vida clandestina passa a incomodar a família, e o velho morre vaticinando a cadeia como o futuro inexorável para o filho, silenciosamente rebelde. Por volta de 35, o *perigo comunista* causa pânico às autoridades e às mentalidades empedernidas, como a de D. Aurora, que lamentava a ocupação nociva daquele irmão “pálido e encolhido”. Com a rebeldia comunista na iniciativa, D. Aurora decide que não pode vacilar, o lado são da sociedade não se pode deixar contaminar - entra para um núcleo integralista, cooptada por uma vizinha, a “professora vesga”, diligente militante do sigma.

A militância do irmão incomoda; o vaticínio do pai vira uma verdade necessária, um destino que ela deve fazer cumprir. Aí D. Aurora decide, em nome da sanidade da pátria e da própria segurança do irmão, livrar a sociedade de pelo menos uma parte viciada. Oferece sua contribuição, vai à polícia e denuncia J. Carmo Gomes. Na cadeia ele estaria guardado, pensa a delatora. E ela mesma se tranquiliza, pois até mesmo afasta a possível suspeita de que acendia uma vela a deus e outra ao diabo, militando no integralismo e mantendo na mesma casa o irmão comunista.

O irmão entre as grades, D. Aurora devota toda sua preocupação à salvação da pátria, cujo caminho era apenas um - o avanço da força verde integralista. Ocorre que a história social do país não era tão simplória quanto pensava D. Aurora, pelo que aprendera na escola. A força integralista não era infalível como chegou a imaginar. Seus líderes

---

<sup>15</sup> Uma boa leitura deste conto está no ensaio “As antecipações num conto de Graciliano Ramos”, de Antonio Manoel dos Santos Silva, em: D’NÓFRIO, Salvatore e outros. *Conto Brasileiro: quatro leituras*. Petrópolis: Vozes, 1989.

falharam, seus militantes foram crédulos demais. Para o desespero da pobre moça, em uma manhã de maio de 1938 (muito provavelmente a manhã do dia 11, seguinte à tentativa integralista de assalto ao Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro) depara, no jornal, com o fracasso do golpe. Passa maus momentos e acaba desolada, sem saber o que fazer:

“D. Aurora pensou no jornal abandonado minutos antes, uma angústia apertou-lhe novamente o coração e outras vísceras. Encaminhou-se ao banheiro, fechou-se. E a casa do Meyer, a casa que o Major Gomes adquirira em longos anos pacientes e arrastados, ficou deserta, para bem dizer ficou deserta, apenas com duas criaturas: o canário e o gato. O canário molhava-se no bebedouro da gaiola, o gato cochilava em cima de uma cadeira - e as talas que os separavam permitiam entre eles uma espécie de cordialidade.”(p.79).

O conto constrói um espaço tenso, o espaço da intercessão em que se misturam o indivíduo e o cidadão, o apelo público e o receio privado; o sonho pessoal e o projeto social. A casa e a rua, a família e a história, enfim. No conto, este é um espaço estreito: o maniqueísmo do sigma termina por servir de racionalização ao individualismo mais mesquinho, ao aniquilar, em D. Aurora, o sentimento mais universal e, também, mais caro a cada indivíduo - a fraternidade.

Era o país encalacrado pela ditadura de Getúlio Vargas, que marcou para o resto da vida a atividade do escritor Graciliano Ramos.